

AS VERDES  
LÉGUAS

FRANCISCO CARVALHO

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

Neste mês de férias universitárias, reencontrei-me com a grande poesia de Francisco Carvalho, e o fiz pela leitura do seu último lançamento: *As Verdes Léguas*. Ali está mais uma vez o poeta integral, consciente de que a poesia é essência, símbolo e verdade, verdade maior. O compromisso de Francisco Carvalho será com a palavra reveladora do mistério poético. Palavra despojada de ressonâncias fáceis ou enganadoras, buscará antes impor-se por si, pelo que evoca, pelo que sugere, pelo detalhe significativo. É essa luta insone, a vigília na busca da revelação precisa, certa. Nada a mais, nada a menos: o substantivo por si, desnudo, franciscano e forte, o que não elimina, se for o caso, o adjetivo necessário, indispensável.

Poeta moderno, moderníssimo, pela sua técnica e renovação e pela sua temática, que vai do salário mínimo à angústia com a máquina ou a cibernética, que nos faz, a nós mesmos, autômatos e números de um imenso anonimato. O autor tem o dom ainda de, em muitos passos, conduzir-nos a um tempo de maior velhice ou antiguidade, pleno de boas evocações. Tenha-se sempre presente que a modernidade de Francisco Carvalho não o desliga do nosso chão, das nossas vivências e experiências. Estão ali os nossos alpendres e redes, as selas e arreios, os nossos açudes e o Jaguaribe, a evocação da donzela, as sesmarias, as velhas compoteiras, o cheiro de alfazema, a naftalina que preservou guardados. "Compoteiras desenhadas / na teia de muitas lendas. / Rede branca da saudade / nos esteios da fazenda". Ou ainda: "O vento uivando às aldravas / da cancela escancarada".

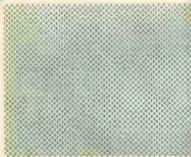
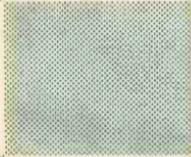
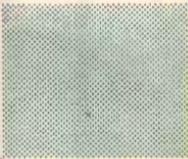
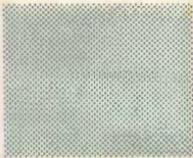
Poeta telúrico, pela palavra e pelas raízes fincadas na terra. Abrangente ainda de muitos valores, consciente de sua destinação e compromisso. Há nele um permanente pudor

do vulgar, do já dito, repetido. Mas, quando busca a originalidade, não o faz gratuitamente: os recursos são válidos, convincentes. No livro encontram-se poemas sobre o tema batido da seca (*Balada dos Retirantes e Liturgia da Seca*) ou uma composição como "Canção para um pequenino mendigo". Mas aqui são outros os caminhos do êxodo ou da comiserção sem pieguice. Ouviremos antes as ressonâncias do apocalipse e a denúncia da criança que perde irremediavelmente a infância (uma sugestão de cálice, de oferenda desesperadamente mística ou satânica).

Também presente nele uma ironia trágica ou dramática, assim à moda do riso chapliniano, como se lamentasse o que de precário, de enganoso e de efêmero há no homem diante da morte, que nos despoja de tudo: "Lá vai o enterro de luxo / e vai-se a conta bancária / até mesmo o ouro inútil / guardado dentro da cárie". Ou ainda: "Vou vender meus rins / vou vender meus olhos / e as retinas cheias / de estradas metafísicas". Contudo: "só não vendo o arcano / que sustenta o homem". Metafísico, filósofo, atual, antigo, corrente e, às vezes, hermético - tudo isso ele o é, e místico pela transcendência que muitas vezes o anima.

Um poeta, sobretudo, profundamente lúcido diante da vida e da arte. Para engrandecê-lo bastariam, ao acaso, versos assim: "Alguém tem de assumir a infância / pelos que não sonham". Ou: "Não me queixo de Deus. / Sou o que fiz de mim". Ou ainda: "Teu cavalo fugiu num raio de luar. / Ruiu nossa ilusão de soleiras antigas / num gemido fugaz de esteios e de vigas". Poeta maior, numa palavra. Contra ele há apenas a limitação do meio.

**Moreira Campos**  
**julho/1977**



**UFC**

**CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL**

# AS VERDES LÉGUAS

Em prezado amigo  
Nilton Maciel, com  
a remessa admi-  
nistrativa do

JM Silva  
22/01/88

# COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Italo Gurgel

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Aásis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas



AS VERDES  
LÉGUAS

FRANCISCO CARVALHO

2.<sup>a</sup> Edição

**UFC**

---

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR  
PROGRAMA EDITORIAL

1997

## LIVROS DO AUTOR

Cristal da Memória/1955; Canção Atrás da Esfinge/1956; DO Girassol e da Nuvem/1960; O Tempo e os Amantes/1966; Dimensão das Coisas/1967; Memorial de Orfeu/1969; Os Mortos Azuis/1971; Pastoral dos Dias Maduros/1977; As Verdes Léguas/1979; Rosa dos Eventos/1982; Quadrante Solar/1983 (Prêmio Nestlé de Poesia); As Visões do Corpo/1984; Barca dos Sentidos/1989; Rosa Geométrica/1990; Exercícios de Literatura/1990; O Tecedor e Sua Trama/1992; crônica das Raízes/1992; Flauta de Barro/1994; Galope de Pégaso/1994; Sonata dos Punhais/1994; Artefatos de Areia/1995; Textos & Contextos/1995; Rosa dos Minutos/1995; Raízes da Voz/1996; Os Exílios do Homem/1997; Girassóis de Barro/1997.

A poesia dá voz à existência simultânea, aos tempos do Tempo, que ela invoca, evoca, provoca.

(Alfredo Bosi)

A poesia é uma alma que inaugura uma forma.

(Gaston Bachelard)

Como arte, a poesia é mais antiga que a prosa.

(Hegel)

A poesia é a fundação do ser pela palavra.

(Heidegger)

A poesia não é menos misteriosa que os outros elementos do orbe.

(Jorge Luís Borges)

A poesia é o que fica e nos consola, a consciência da ausência.

(Octavio Paz)

Poeta é aquele que rompe para nós a acostumança.

(Saint-John Perse)



À minha mulher  
Aos meus filhos  
Aos meus irmãos



## SUMÁRIO

PARTILHA .....	13
ANTROPOESIA .....	14
CANÇÃO DO IRMÃO .....	15
CEMITÉRIO DE ALEXANDRINOS .....	16
OS PROFETAS .....	17
BALADA DO CÉU MINGUANTE.....	19
SONETO AO PERFIL DO MORTO.....	23
NABUCODONOSOR .....	24
COMPUTADOR .....	25
BALADA DOS RETIRANTES .....	27
EPITÁFIO .....	29
TREVA .....	30
CANÇÃO DA POBREZA MUTANTE .....	31
CANÇÃO PARA UM PEQUENINO MENDIGO .....	33
VERDADE .....	34
ENTERRO DE LUXO .....	35
IMPROVISO .....	36
OS SAPATOS.....	37
PLANTAÇÃO.....	38
HERDEIRO DA ESFINGE .....	40
AS COMPOTEIRAS .....	41
FILHO PRÓDIGO.....	42
SONETO DIGITAL .....	44
COBAIA .....	45
AS VELHINHAS .....	46
ELEVADOR .....	47
NÓ CEGO.....	49
MÃO DE PILÃO.....	50
PROVA DOCUMENTAL .....	52
LOUVAÇÃO DO RIO JAGUARIBE .....	54

SONETO CHUVA DE ABRIL .....	57
SALÁRIO MÍNIMO .....	58
CANÇÃO DO GNOMO .....	59
VENTO ALAZÃO .....	61
CANÇÃO DA PÊNDULA .....	63
TELEVISÃO .....	64
SERENATA .....	65
CARNAVAL .....	66
DIDÁTICA DO POEMA .....	67
CIVILIZAÇÃO DO COURO .....	68
LÂMPADA .....	70
DISFARCE .....	71
POEMA SEM METAFÍSICA .....	72
MITO DE SÍSIFO .....	73
FAZENDEIRO .....	74
ATENEU .....	75
ELOGIO DA CEIA .....	76
SONETO DOS ELEMENTOS .....	77
CIMENTO ARMADO .....	78
CANÇÃO DO PILÃO .....	79
SONATA PARA HARPA .....	81
O ANJO QUE PERDEU AS ASAS .....	82
LITURGIA DA SECA .....	83
SONETO MALARMAICO .....	84
FACA AMOLADA .....	85
ENGENHARIA DO POEMA .....	87
SUGESTÕES DO ECLESIASTES .....	88
BEZERRO BIZARRO .....	90
BANCO DE ÓRGÃOS .....	91
HIPOGRIFO .....	93
PANORAMA .....	94
CANÇÃO BINÁRIA .....	95

TRÍPLICE MADRIGAL .....	97
ÁRIA PRIMÁRIA.....	99
CONFRONTAÇÃO .....	100
TREM DA SAUDADE.....	101
CANÇÃO DO ROEDOR.....	103
OLHOS DE FERA.....	106
A MORTE TE LAMBE A NUCA.....	106
UM POETA CÍNICO.....	107
PARÁFRASE DE FERNANDO PESSOA.....	108
CANÇÃO DA LIBERDADE.....	109



## PARTILHA

Pedro herdou o gado, inclusive a paisagem  
Miguel herdou o reprodutor com seu potencial de amor  
João herdou as ovelhas, as cabras paridas e as por parir  
Fortunato herdou as intrigas  
Joaquim herdou os cavalos de puro sangue e mais  
os arreios e os seus metais  
Manuel herdou as éguas e as verdes léguas  
Hortência herdou as potrancas e o fogo que as incendeia  
Rosa herdou o almofariz, Clara o escaparate  
Hipólito herdou o mau hálito  
Gertrudes herdou o alazão manteúdo  
Tomé herdou o rio e os porcos no cio  
Abelardo herdou os antepassados  
Marta herdou a arca e a pêndula do patriarca  
Raimundo herdou a solidão do mundo  
Afonso herdou o alpendre que dá para o Nascente  
Tomaz herdou os impulsos tribais  
Maria herdou a sesmaria e o cheiro de alfazema dos quartos  
Apolinário herdou o quebrar da barra  
Carlos herdou a fala e o jeito de brandir a bengala  
Mário herdou o escapulário  
Antônio herdou a mina e o baú dos mortos com naftalina  
José herdou cem hectares de eternidade  
Adalgisa herdou o crucifixo  
Jandira herdou o arco-íris  
Sebastião herdou as concubinas  
Roberto herdou o resto.  
Escrivão juramentado e autor deste testamento  
só me coube o vento.

## ANTROPOESIA

O homem é um bicho  
que pensa que é homem?

O homem é uma fera  
que às vezes tem faro?

O homem é uma larva  
que lavra a palavra?

O homem é um arco  
à procura da flecha?

O homem é uma idéia  
que pensa que voa?

O homem é de índigo  
ou argila que indaga?

O homem é de bronze  
ou bactéria que sonha?

Se o homem soçobra  
por que se interroga?

Se na busca se perde  
por que tanta sede?

Se o homem é de cobre  
por quem os sinos dobram?

## CANÇÃO DO IRMÃO

Alguém tem de celebrar a paz  
pelos que pelejam  
Alguém tem de assumir a infância  
pelos que não sonham  
Alguém tem de rezar um salmo  
pelos que morreram  
Alguém tem de gritar ao vento  
pelos que se calam  
Alguém tem de velar o morto  
pelos que trabalham  
Alguém tem de produzir orvalho  
para os que semeiam  
Alguém tem de tanger o sino  
pelos que adormecem  
Alguém tem de se vestir de negro  
pelos que não voltam  
Alguém tem de apascentar o gado  
pelos que desertam  
Alguém tem de contemplar a estrela  
pelos que rastejam  
Alguém tem de estender a mão  
pelos que se humilham  
Alguém tem de acender a vela  
pelos que agonizam  
Alguém tem de escrever um verso  
pelos que não amam  
Alguém tem de redimir a carne  
pelos que envelhecem  
Alguém tem de se consumir  
pelos que hão de vir.

## CEMITÉRIO DE ALEXANDRINOS

Sei que os meus poemas são inúteis.  
O coração responde ao mito.  
Sei que a vida se alonga para além da cristalina aparência  
das verdades codificadas.

Sei que a vida se enrosca no âmago de tudo  
e é a isto que respondo com os meus versos inúteis.  
A essa profundidade que se engendra diante dos meus olhos  
como os andaimes de um edifício em chamas.

Sei que os mitos arderão – cadáver da simetria.  
Sei que os meus versos morrerão comigo.  
Casca apodrecida da última metamorfose num cemitério  
de alexandrinos.

## OS PROFETAS

Perfil de espanto ao ombro  
(qual fogo que se alastra).  
Perfil que erige o assombro,  
de pilastra em pilastra.

Perfil de estranho lume  
de que o mistério jorra.  
Perfil achado implume  
às portas de Gomorra.

Perfil de doze faces  
voltadas para dentro.  
Perfil como uma seta  
rumo ao secreto centro.

Perfil de foice e alfange  
no rastro do paladino.  
Perfil que assume o sangue  
das chagas do divino.

Perfil de vento e areia  
nos ombros desse lenho.  
Do ventre da baleia  
ressuscitado venho.

Perfil varando o tempo  
veloz da profecia.  
Perfil de pedra esguia,  
raptado pelo vento.

Perfil do abismo inteiro  
no coração da rocha.  
São sete labaredas  
ardendo à nossa porta.

Perfil do Aleijadinho  
sangrando nestes caibros.  
São sete candelabros  
boiando nesse vinho.

Perfil como se fosse  
do arauto a face eleita.  
Perfil como uma foice  
guardada para a ceifa.

Perfil que nos abarca  
de inexorável fogo.  
Sete as portas do gozo,  
sete as foices da Parca.

Perfil que nos ungisse  
de todos os batismos.  
Perfil do Apocalipse  
suspense dos abismos.

## BALADA DO CÉU MINGUANTE

Em tempo de céu minguante  
sete noites a cavalo.

Esquipei no trote afoito  
desse pégaso da noite.

As crinas dessa alimária  
da cor do quebrar da barra.

Sete noites a cavalo  
e o vento na encruzilhada.

O vento apertando o laço  
no pescoço do enforcado.

O vento uivando às aldavras  
da cancela escancarada.

Sete noites pendurado  
nas crinas dessa montanha.

Sete noites de vertigem  
meus olhos te alumiando.

Sete noites mal dormidas  
às costas dessa alimária.

O dólman sujo de sangue  
nos ombros do assassinado.

Sete noites de volúpia  
pelos bosques do teu hálito.

Sete noites de impostura  
às portas do anonimato.

O vento igual ao cincerro  
das distâncias tresmalhadas.

Sete noites passei fome  
dos gomos que te adoçavam.

Sete noites a galope  
pelas ladeiras da súplica.

As pegadas invisíveis  
dessas veredas lascivas.

Sete noites, sete espantos  
sete punhais de acalanto.

Sete espadas, sete foices  
sete os gritos dessas noivas.

Sete insônias de cambraia  
sete almofadas de palha.

Sete escumas desse vinho  
sete alvuras reluzindo.

Sete antúrios no cabelo  
sete emblemas na parede.

Sete falas, sete fôlegos  
sete lâminas no corpo.

Sete astúcias pelo quarto  
sete herdeiros no retrato.

Sete braços no espantalho  
sete negras na senzala.

Sete espelhos de cristal  
sete agulhas no dedal.

Sete roupas penduradas  
nos cabelos do varal.

Sete moças de avental  
às ordens do assinalado.

Sete anéis, sete lembranças  
sete espigas nas pestanas.

Sete bocas de escarlate  
sete augúrios nas palavras.

Sete vestidos de chita  
sete pêssegos no umbigo.

Sete gumes de navalha  
sete esqueletos na estrada.

Sete pastagens de orvalho  
sete intrigas no intervalo.

Sete lâmpadas acesas  
sete rosas das vermelhas.

Sete cruzes de argamassa  
sete alferes de emboscada.

Sete borregos balindo  
sete mortalhas de linho.

Sete grelhas de alfazema  
sete incêndios nessas brenhas.

Sete noites a cavalo  
sete estigmas de balaço.

Sete as porteiras abertas  
ao reluzir dessas éguas.

Sete as folhas de sargaço  
na memória do afogado.

Sete arcadas em Gomorra  
sete arautos vão à força.

Sete noites a cavalo  
sete esporas imantadas.

Sete estações de mormaço  
sete léguas de piçarra.

Sete noites a cavalo  
sem saber por onde andavas.

Sete flautas ao relento  
sete as angras do teu ventre.

Sete aranhas tecem a teia  
no pavio da candeia.

Sete tiros de espingarda  
na cabeça desse fauno.

Sete noites de sumiço  
sete versos de improviso.

Sete alcaides a cavalo  
sete esteios de pau-d'arco.

Sete adegas, sete adagas  
sete as facas amoladas.

Sete noites a cavalo  
no alazão desta balada.

## SONETO AO PERFIL DO MORTO

Espectro de meu pai roubado à essência humana.  
Por que te ergues assim das brumas do meu sonho?  
Teus campos estão sós. Um vendaval medonho  
carregou nossa casa, o gado e a porcelana.

A lamparina ardeu, ardeu a aflita chama  
da luz que afugentava as sombras do teu ser.  
O mugir dos currais, um balido qualquer  
e a cancela a bater nos gonzos de imburana.

Os galos nos quintais cessaram de cantar.  
Um silêncio de azul passeia pela sala  
ao vento desfraldando as dobras da mortalha.

Teu cavalo fugiu num raio de luar.  
Ruiu nossa ilusão de soleiras antigas  
num gemido fugaz de esteios e de vigas.

## NABUCODONOSOR

Nabucodonosor  
por decreto-lei  
quem são as donzelas  
que te ungeram rei?

sete luas gordas  
sete luas magras  
sete estrelas cegas  
rondam minha sorte.

sete luas gordas  
sete luas magras  
meus silêncios gritam  
mais do que as palavras.

sete estrelas cegas  
por decreto-lei  
quem são as donzelas  
amantes do rei?

Meus silêncios cortam  
lâmina do verbo  
a alma dos homens  
vibra em cada nervo.

sete luas gordas  
sete luas magras  
aves de rapina  
rondam minhas cabras.

Rondam minhas cabras  
rondam minha vida.  
sete luas gordas  
sete luas magras.

## COMPUTADOR

Dor de homem difere  
de outra qualquer dor.  
Não pode ser medida  
pelo computador.

Dor de homem golpeia  
fundo a essência humana.  
Dor de ferida aberta  
que inutilmente sangra.

Dor de homem não cessa  
de doer em silêncio.  
Dor sutil que se enrosca  
no caule até do vento.

Dor de homem começa  
a doer pelo amor.  
Esta chama que dói  
nunca perde o fulgor.

Dor de homem fenece  
como fenece a flor?  
Dor que atravessa o homem  
enquanto homem for.

Dor de homem magoa  
a secreta ferida  
do Ser, onde ressoa  
pelo resto da vida.

Dor de homem sem nome,  
dor da fala incolor.  
Dor da infância esculpida  
num raio de esplendor.

Dor de homem ferido  
dói mais que qualquer dor.  
Dor do grito ceifado  
pelo computador.

Dor de homem rasteja  
num mundo de isopor.  
Dor que trespassa o homem  
enquanto homem for.

## BALADA DOS RETIRANTES

Vem de longe o retirante  
por estradas penugentas.  
Se tem alma, anda vagando  
na solidão dessas brenhas.  
Sombra que sai dessa sombra  
é um grito na noite imensa.

Vem dos confins de tão longe  
que não sabe de onde veio.  
Só sabe que o seu destino  
vai-se queimando na areia  
das estradas encardidas  
onde a solidão é lei.

Vem dos confins do sem-fim  
rumo a um país fugitivo.  
Vem talvez da fantasia  
de um sonho desconhecido.  
Seus andrajos vão boiando  
aos duros ventos da vida.

Vem de tão longe que ignora  
onde o passado começa.  
A memória apodrecendo  
nas ossadas descobertas.  
A dor que se vê nas mãos  
tudo é saudade da terra.

saudade dos semoventes  
dos bichos mortos de sede.  
Sangra a aurora nas cacimbas  
nos currais muge o cinorro.  
Sopra um vento venerando  
nas dobras alvas da rede.

vem de tão longe que os braços  
se esgalham dentro da noite.  
vem dos rios que se enroscam  
no leito em forma de foice.  
vem dos ermos fulminados  
pelos olhos das raposas.

vem de tão longe que os olhos  
perderam o rumo da lenda.  
Tudo o que resta é a saudade  
do entardecer nos alpendres.  
Sombra que sai dessa sombra  
é um clarim na noite imensa.

## EPITÁFIO

Aqui jaz morto  
quem não jazera  
se em vez de homem  
fosse uma pêra.

Falácia inteira  
a de homem ser.  
Feliz a pêra  
de não jazer.

Mas o homem jaz  
perfil de cera  
para que a pêra  
sazone em paz.

## TREVA

A rápida treva  
despenca da árvore  
o lento mármore  
esmaga a palavra.

O súbito vento  
suspenso de aldravas  
a líquida rosa  
boiando na água.

A rápida treva  
o lento mármore  
os olhos do morto  
despencam da árvore.

A rápida treva  
na estrada longa  
a existência breve  
na infinita sombra.

## CANÇÃO DA POBREZA MUTANTE

Muda de barraco  
muda de favela  
muda de subúrbio  
muda de tristeza  
muda de solidão  
porém muda em vão.

Muda como o vento  
muda como a nuvem  
muda de tática  
muda de técnica  
muda de ilusão  
porém muda em vão.

Muda de premissa  
muda de promessa  
muda de problema  
muda de potassa  
muda de patrão  
porém muda em vão.

Muda de espelunca  
muda de esperança  
muda de bactéria  
muda de batistério  
muda de religião  
porém muda em vão.

Muda de migalha  
muda de mortalha  
muda de maleta  
muda de muleta  
muda de multidão  
porém muda em vão.

Muda de hábito  
muda de álibi  
muda de veneno  
muda de vizinho  
muda de munição  
porém muda em vão.

## CANÇÃO PARA UM PEQUENINO MENDIGO

Se os anjos existissem  
estariam solidários com tua pobreza de olhos azuis  
com a solidão dos teus cabelos encaracolados  
com o mistério de tua nudez  
com a inutilidade de tuas lágrimas  
com o teu nascimento e tua morte  
com as tuas asas amarrotadas de arcanjo  
expulso do paraíso.

Se os anjos existissem  
estariam debulhando as espigas da paz  
ou te afagando a cabeça de enjeitado  
ou te agasalhando contra a chuva e o vento  
ou costurando essa túnica rasgada  
ou limpando o orvalho do teu nariz  
ou passeando contigo de velocípede no arco-íris  
ou chapinhando nas poças d'água  
cheias de verminose e de estrelas.

Serias o mais alto na hierarquia dos anjos.  
Mas os anjos não existem.

## VERDADE

A verdade é este  
sussurro de lâminas  
ardendo em meus olhos  
como se fossem chamas.

A verdade é esta  
escultura breve  
da rosa e da brisa  
no perfil da pedra.

A verdade é este  
pássaro de vidro  
que faz o seu ninho  
nos galhos da sílaba.

A verdade é este  
gomo de metáfora  
de que te alimentas  
mas nunca te fartas.

## ENTERRO DE LUXO

Lá vai o enterro de luxo  
puxado por sete cavalos  
lá vai a rosa de plástico  
na lapela do cadáver.

Lá vai o defunto imberbe  
boiando em madeira nobre  
lá vai a língua bilíngüe  
com seu sotaque podre.

Lá vai o queixo amarrado  
lá vai a gravata oblíqua  
montada na escorreguenta  
garupa da metafísica.

Lá vai o enterro de luxo  
e vai-se a conta bancária  
até mesmo o ouro inútil  
guardado dentro da cárie.

Lá vai o enterro de luxo  
levado por ventos negros  
lá vão os pendões de luto  
com seus narizes alegres.

Lá vai o enterro de luxo  
lá vai o perfil de árabe  
tangido pra correnteza  
volúvel da eternidade.

## IMPROVISO

Nem só de chuva  
se tece a nuvem  
nem só de espuma  
as núpcias do mar.

Nem só de pânico  
se engendra o grito  
nem só de fome  
prospera o trigo.

Nem só de augúrios  
fala a parábola  
nem só de enigmas  
se enfeita o nada.

Nem só de pássaros  
o céu nos singra  
nem só de pão  
se morre à míngua.

Nem só de pégaso  
escapa o seio  
para essa concha  
partida ao meio.

## OS SAPATOS

Estes sapatos que me levam por caminhos banidos dos mapas  
estes sapatos que rangem no calcanhar do morto  
estes sapatos que rastejam sobre a esperança destrocada  
dos homens  
estes sapatos que amadurecem para a fertilidade  
estes sapatos de reminiscências bovinas  
estes sapatos que me confiscam  
e me abastecem de veleidades burocráticas  
estes sapatos que pelem contra o sonho  
estes sapatos que se dilaceram nos espinhos de Deus  
e que me dão a beber da esponja do crucificado  
estes sapatos que me salpicam de sangue  
estes sapatos que me devolvem o rosto  
desfigurado pela escória das palavras  
estes sapatos que morrem à míngua de metáfora  
estes sapatos que vão de muleta aos funerais do poema  
estes sapatos que se rebelam à hora do curtume  
estes sapatos que protestam na iminência das facas  
estes sapatos humilhados nos corredores das fábricas  
estes sapatos expulsos do andor  
estes sapatos por quem os sinos não dobram  
estes sapatos amortalhados no ataúde  
estes sapatos clandestinos  
não irão comigo às exéquias da Liberdade.

## PLANTAÇÃO

vou plantar legumes  
palavras de abóbora  
vou plantar o trigo  
puro da metáfora.

vou plantar espanto  
vou plantar centeio  
debulhar a espiga  
ruiva do teu seio.

vou plantar a foice  
de ceifar a parca  
vou plantar um sino  
na torre da páscoa.

Vou plantar a amêndoa  
da fala esquecida  
vou plantar memórias  
na lavoura lívida.

vou plantar um gesto  
vou regar um grito  
vou ceifar os verdes  
pêssegos do mito.

vou plantar um ninho  
nas asas do pássaro  
orquídias de sangue  
na lapela pálida.

vou plantar memórias  
dentro das comarcas  
cem léguas de antúrios  
nos cascos das vacas.

vou plantar o adeus  
junto da cancela  
onde os mortos passam  
com rosário e vela.

vou plantar begônia  
nas crinas de argila  
da alimária insone  
que se chama vida.

## HERDEIRO DA ESFINGE

sou o herdeiro da Esfinge  
de seios de salitre.  
Esfinge de palavras  
que às vezes me devora  
mas nunca me decifra.

sou o herdeiro da Esfinge  
de pestanas de sal.  
Esfinge que me ungiu  
às portas de Sodoma  
com seu beijo tribal.

sou o herdeiro da Esfinge  
que aos poucos me devora.  
Esfinge de que guardo  
o riso enigmático  
na face aterradora.

sou o herdeiro da Esfinge  
de insondáveis perfis.  
Esfinge que devora  
palavras e não deixa  
marca da cicatriz.

## AS COMPOTEIRAS

Celebrai, deuses do olimpo  
com vossas harpas e gestas  
o odor de fruta madura  
das compoteiras repletas.

Compoteiras desenhadas  
na teia de muitas lendas.  
Rede branca da saudade  
nos esteios da fazenda.

De repente os mortos descem  
pelo espaldar das cadeiras  
os olhos fitos nos olhos  
volúveis das compoteiras.

Compoteiras coloridas  
pela infância e o devaneio.  
Mesma a forma, o mesmo gosto  
adocicado de um seio.

Compoteiras adoçadas  
pela amargura esvaída  
do coração das escravas  
embalando a nossa vida.

Fossem de vidro lavrado  
ou do cristal que reluz  
meu coração transbordava  
das compoteiras azuis.

## FILHO PRÓDIGO

Quem é que tosse  
na noite morta?  
quem é que fala  
no quarto escuro?  
quem é que sonha  
na cama de pedra?  
quem é que espera  
pelo filho pródigo?

Quem é que escuta  
o clamor dos mendigos?  
quem é que agoniza  
na sala deserta?  
quem é que se lembra  
do punhal no seio?  
quem é que acena  
para o filho pródigo?

Quem é que pranteia  
a velha dançarina?  
quem é que consola  
o menino morto?  
quem é que tange  
o sino da aldeia?  
quem é que chama  
pelo filho pródigo?

Quem é que celebra  
os frutos amargos?  
quem é que recolhe  
as ovelhas perdidas?  
quem é que debulha  
as espigas da insônia?  
quem é que abre a porta  
para o filho pródigo?

Quem é que se afoga  
nos mares de Ulisses?  
quem é que adivinha  
os remos da nau?  
quem é que anuncia  
o frescor das romãs?  
quem acende a candeia  
para o filho pródigo?

Quem semeia o trigo  
nos campos de Booz?  
quem despe os mendigos  
dos crepes da fúria?  
quem volta de Gomorra  
num cavalo negro?  
quem clareia a estrada  
para o filho pródigo?

Quem nomeia o pássaro  
degolado na aurora?  
quem pastoreia a alma  
e as feridas do homem?  
quem vai ao deserto  
à procura da flor?  
quem decifra o enigma  
para o filho pródigo?

## SONETO DIGITAL

Sou da terra onde as aves de rapina  
carregam madrugadas no esporão.  
Onde as cabras são faunos que ruminam  
talos de flor à sombra dos oitões.

sou da terra onde as vacas deixam marcas  
dos ubres sazoados nos outubros:  
memórias de equinócios encarnados  
no verde pergaminho das garupas.

Sou da terra que parte e que regressa  
pelas estradas de silêncio e areia  
dos dourados estios duradouros.

Sou da terra onde o mito reverdece  
e a lenda das aranhas tece a teia  
nos chifres mitológicos dos touros.

## COBAIA

No azulejo frio  
em nome da gaia  
ciência, cem vezes  
morre a cobaia.

O sangue escorre  
do azulejo frio.  
Será que valem os  
o seu sacrifício?

No azulejo frio  
sangra a cobaia  
sua morte inútil  
nos fita com raiva.

Protesta a cobaia  
no azulejo frio  
o grito sem fôlego  
num tubo de vidro.

No frio azulejo  
da sala de vidro  
o apelo arquejante  
da vida esvaída.

## AS VELHINHAS

No patamar da igreja  
anoitece devagar.  
Já começa a ladainha.  
Ardem as velas no altar.

Tange o sino docemente  
como jamais tocaria  
convocando toda a gente  
para o ofício de Maria.

Vão as avós com seus netos  
ao santuário da aldeia.  
Os longos vestidos pretos  
desenham sombras na areia.

Pela nave sonolenta  
passa um murmúrio veloz.  
Lambuzadas de água benta  
roçam por Deus as avós.

Rezam na igreja as velhinhas  
etéreas, pálidas, calmas.  
As avós e as andorinhas  
são irmãs de nossas almas.

À igreja levam santinhos.  
E às vezes param no adro  
piscando os vivos olhinhos  
a alguma velha comadre.

Vão as avós com seus véus  
algumas com negras mantas.  
Pálidas monjas de Deus  
vão rezar às outras santas.

## ELEVADOR

Para onde me leva  
o lerdo elevador?  
Talvez para dentro  
do abismo que sou.

Para onde me leva  
esta coisa, este cubo?  
este fundo trapézio  
suspenso do mundo?

Para onde me leva  
esta fera na jaula?  
este rinoceronte  
que nos pasta com raiva?

Para onde me leva  
esta negra alimária  
no seu duro galope  
de esqueleto e engrenagem?

Para onde me leva  
este mito de ferro?  
este robô sedento  
de solidão e espera?

Para onde me leva  
esta esfinge bastarda  
que sempre nos devora  
mas não decifra nada?

Para onde me leva  
esta máquina indócil  
que tritura a minha alma  
como se escória fosse?

Para onde me leva  
este sonho de súcubo?  
Talvez para o escárnio  
da mentira de tudo.

## NÓ CEGO

Meu verso é um nó cego  
que não se desata  
um nó que se enrosca  
na porta fechada  
até que responda  
até que se abra.

Meu verso é um nó cego  
que zomba da morte  
que calça e se veste  
de acordo com a moda.  
Um nó que passeia  
por dentro da corda.

Meu verso é um nó cego  
no tempo invisível  
um nó que se lembra  
da corda esquecida.  
Um nó de olhos fitos  
nos olhos da vida.

Meu verso é um nó cego  
que altera o produto  
que enxerga de longe  
que nunca se ilude.  
Um nó que desata  
o nó cego de tudo.

Meu verso é um nó cego  
na ponta da corda  
nó que se equilibra  
nos raios da roda.  
Um nó no pescoço  
dos versos da moda.

## MÃO DE PILÃO

mão de pilão  
mão de pilar  
espigas de vento  
e espumas do mar.

mão que não tem  
dedos e anéis  
mão que não ama  
nem diz adeus.

mão de pilão  
mão de pau-d'arco  
mão de pilar  
a foice da Parca.

mão de pilão  
mão vertebral  
mão de pilar  
a cobra coral.

mão de pilão  
mão de andiroba  
mão que só come  
do pão que não sobra.

mão de pilão  
mão de aroeira  
mão que não cessa  
de pilar tristezas.

mão de pilão  
mão solidária  
mão de pilar  
dor de ciática.

pila o munguzá  
pila o cuscuz  
pila o feitiço  
do seio andaluz.

mão que não pára  
de pilar as coisas  
pila a madrugada  
no pilão da noite.

mão de pilar  
o pão do jejum  
pila o que resta  
da fome do mundo.

mão de pilão  
mão de madrasta  
pila a inocência  
da faca amolada.

pila o reflexo  
da água do pote  
pila o nó cego  
na ponta da corda.

pila os fantasmas  
em cima do sótão  
pila a ferrugem  
dos gonzos da porta.

mão de pilar  
o pão do patrão  
pila devagar  
o meu coração.

## PROVA DOCUMENTAL

Já assumi a solidão dos outros  
já provei do enigma insolúvel  
já calcei as botas do morto  
já tive segredo e foi de água abaixo.

Já fugi ao encontro marcado  
já fui banido, já disse adeus  
já fui soldado, já fui rapsodo  
já tive inocência e foi de água abaixo.

Já fui esperto, já fui afoito  
já puxei faca, já toquei pífaro  
já fui vaiado depois da briga  
já tive saudade e foi de água abaixo.

Já fui árcade, já fui arcaico  
já fui pateta, já fui patético  
já perdi no jogo e na vida  
já tive amor e foi de água abaixo.

Já tive pressa, já sentei praça  
já tive ouro, já tive prata  
já tive lenda, já tive fazenda  
já tive compostura e foi de água abaixo.

Já tive herdade, já fui deserdado  
já tive episódio, já tive epitáfio  
já levei o andor de Nosso Senhor  
já tive esperança e foi de água abaixo.

Já tive mando, já corri mundo  
já fui a Roma e não quis ver o Papa  
já fui pra cama com Ana Bolena  
já tive infância e foi de água abaixo.

Já fui Arlequim, já fui Pierrot  
já tive herança, já tive prosápia  
já tive estrela, já fui primogênito  
já tive cabelo e foi de água abaixo.

Já fui feliz, já tive o que quis  
já fui espantalho nas vinhas do rei  
já andei a cavalo no arco-íris  
já tive certeza e foi de água abaixo.

Já pesquei hipocampo de anzol  
já fui de trem ver o quebrar da barra  
já tive fiança, já tive faiança  
já tive memória e foi de água abaixo.

## LOUVAÇÃO DO RIO JAGUARIBE

Rio Jaguaribe  
teu corpo de areia  
sangra nas cacimbas  
feitas para a sede

do gado e do homem:  
sede tão sedenta  
que não basta a linfa  
da própria existência.

São essas cacimbas  
com seus ubres fartos  
que amamentam lindas  
cobras e lagartos.

Bastam quatro palmos  
dessa profundeza  
para que outros veios  
brotem das areias.

Cacimbas bordadas  
pela jitirana  
onde a flor esguia  
do pudor se banha.

E onde lava a roupa  
com sabão em barra  
que as nódoas do amor  
só mesmo a potassa.

Perto das cacimbas  
e de suas bordas  
pendoam lavouras  
de feijão-de-corda.

Feijão que se guarda  
em latas herméticas  
vedadas com cera  
de abelhas domésticas.

É o feijão que vai  
socorrer a gente,  
que ração de carne  
não tem cabimento:

que feijão tem ferro,  
sustança de sobra  
e aumenta a destreza  
dos braços dos pobres.

Rio Jaguaribe  
nas tuas barrancas  
pastam nossas cabras  
éguas e potrancas.

Pastam nossas vacas  
junto das vasantes  
e a sombra alongada  
de urubus rasantes.

Vacas que se deitam  
no equinócio magro  
que só se levantam  
com ajuda da cauda.

Vacas que passeiam  
com seus carrapatos  
e apesar de tudo  
nos dão leite farto.

Vacas que carregam  
touros na garupa  
e quando estão velhas  
vão para os curtumes.

Rio dos Jaguares  
e do açude Orós  
corres tão depressa  
para a tua foz.

Alagas as várzeas  
cheias de problemas.  
Mas se o inverno acaba  
secas de repente.

Nas lerdas areias  
de escamas pacíficas  
aves de rapina  
pousam nas carniças.

E só resta a ossada  
do vento arquejante  
o clamor das asas  
das nuvens em bando.

Rio das marrecas  
moitas de mufumbo.  
Maior rio seco  
dos rios do mundo.

Rio Jaguaribe  
dessa artéria aberta  
corre a minha vida  
por duzentas léguas.

## SONETO CHUVA DE ABRIL

Alameda de ventos decepados  
pela chuva nas vidraças de abril.  
Os silêncios são pêssegos molhados  
que roçassem de leve o teu perfil.

Pássaros dormem nos galhos de mármore  
da pedra encarcerada na legenda.  
Sai do epitáfio uma raiz de árvore  
para o arcano que nunca se desvenda.

Chuva que ensopa os cabelos da morta  
e os seios que palpitam no jazigo  
tocados por desejos repentinos.

Chuva de abril que à infância me transporta,  
pégaso em cujas crinas cor de trigo  
volto a reinar num país de meninos.

## SALÁRIO MÍNIMO

salário  
mínimo  
do sonho

coração  
trabalhador  
braçal

salário  
mínimo  
do mito

silêncio  
pelo trigo  
do grito

a vida  
não sobra  
soçobra

a vida  
não basta  
para morrer.

## CANÇÃO DO GNOMO

A vida se engendra em vermelho e anil,  
de medo e esperança e até de palavras.  
A vida é um anzol com que o céu te ceifa.  
Da infância restou teu reles perfil.

Precisas rezar à esfinge lendária.  
O céu cobrará teu rosto e suor.  
O tempo te pasta, indomável boi.  
És vento e capim da alada alimária.

Precisas fitar o rosto da esfinge,  
a calva da deusa de olhos de breu.  
Precisas erguer teus braços de cinza  
para as plantações douradas do céu.

Precisas gritar às portas sombrias  
para a multidão de amargos perfis.  
Gritar para o mar, ferosa alimária,  
que lambe o dorso das douradas crias.

Precisas viver, embora te pese  
o sonho ancestral, o medo ancestral.  
Precisas arder à abstrata beleza  
com teu tão sutil sarcasmo tribal.

Precisas galgar os degraus do assomo,  
precisas brindar ao teu sonho exausto.  
Viver é o que importa a esse pobre gnomo  
condenado às fogueiras do holocausto.

Precisas gritar às portas da lei,  
sorrir ao desdém feudal dos avós.  
Precisas salvar o verso e a memória  
das garras letais do mito veloz.

Precisas voltar ao signo da pedra,  
às tardes pascais da infância remota.  
Depois abolir o emblema de cinza  
da morte a boiar no prato de sopa.

Precisas rever a alma das lendas,  
os altos verões de esguios cavalos.  
Precisas voltar aos velhos alpendres  
e ao canto estival da pluma dos galos.

Precisas brindar ao anjo da fome,  
precisas abrir a porta no escuro.  
Viver é o que importa a esse pobre gnomo  
e à rosa que abriu no caule do muro.

## VENTO ALAZÃO

Tempo tangerino  
tempo temporão  
meu verso é vertente  
que nasce dos olhos  
do vento alazão.

Tempo temporário  
pássaro azulão  
vou plantar legume  
que o sonho é lavoura  
que não dá pendão.

Tempo intemporal  
tempo temporão  
vou pagar promessa  
pela alma do Padre  
Cícero Romão.

Tempo intempestivo  
tempo temporão  
vou morrer de sede  
na terra esquecida  
desta inanição.

vou brindar à morte  
tempo temporão  
vou sorrir com raiva  
deste céu de fogo  
que reluz em vão.

Tempo tangerino  
tempo temporão  
vou fechar meus olhos  
que já se cansaram  
de tanta ilusão.

Nada sei do mundo  
tempo temporão  
porém sei do vento  
harpa alucinada  
do Rei Salomão.

Nada sei do amor  
tempo temporão  
porém sei duns olhos  
que são mais volúveis  
do que as águas são.

Vou boiar no espaço  
linfa da amplidão  
vou fugir da morte  
nas asas de cedro  
desta embarcação.

Desta flor que sangra  
nas pedras do chão  
vou fazer bandeira  
rosa desfraldada  
sobre a multidão.

Vou partir sem rumo  
tempo temporão  
montado a cavalo  
nas crinas douradas  
do vento alazão.

## CANÇÃO DA PÊNDELA

Por quem bate este relógio  
na parede desta sala?  
Pelos fantasmas do engenho  
pelos negros da senzala?

Por quem bate a horas mortas  
tão lento e devagarinho  
quando a noite das orgias  
derrama o seu negro vinho?

Por quem geme noite a dentro  
este espantalho de cedro?  
Pelo veios que secaram  
e já não brotam da pedra?

Pelas noivas que morreram  
ou se afogaram nos rios?  
Pelas velhas dançarinas  
que não deixaram vestígios?

Por quem bate este relógio  
com tal cadência e volúpia?  
Pelo remorso das vestes  
ensopadas de luxúria?

A quem dedica o seu pranto  
seu amargo devaneio?  
À que morreu de saudades  
com sete adagas no seio?

Por quem tece este relógio  
minutos de pergaminho  
quando a noite das orgias  
derrama o seu negro vinho?

## TELEVISÃO

Telemortos me visitam,  
bóiam no prato de sopa.  
Presságios de telemúsica  
no pentagrama dos garfos.  
Dos meus olhos telecânicos  
saltam notícias da guerra,  
do estupro, do assassinato.

Telemortos me visitam  
com seus gorros de capim.  
Maldito cheiro de pólvora  
se espalha nas plataformas  
volúveis da noite elétrica.  
Telefones fotogênicos  
zombam do espelho e de mim.

Telemortos me visitam.  
O universo desintegra-se  
aos olhos do meu nariz.  
Telemísseis jogam bombas  
sobre aldeias asiáticas.  
Telegramas, telegritos  
fulminados pelo céu.

Telemortos me visitam  
na penumbra do terraço.  
Seus membros teleflutuam  
no espaço teledisperso  
da minha urbana aflição.  
Me acenam, me dizem adeus.  
Desligo a televisão.

## SERENATA

Cadê o amor que já não cabe  
no peitoril de uma janela?

Cadê o amor que já não anda  
com seu anzol preso à lapela?

Cadê o amor que já não urde  
linho e cristal da plenitude?

Cadê o amor que já não despe  
mito e nudez de que se veste?

Cadê o amor que já não bebe  
da linfa azul que aumenta a sede?

Cadê o amor que já não rima  
com Pierrot nem Colombina?

Cadê o amor que ainda não veio  
regar seu monte de centeio?

Cadê o amor rendido ao cerne  
da antiga forma de ser eterno?

## CARNAVAL

A face tem seu tempo de disfarce.  
Adianta vestir-me de Arlequim,  
se sangra o coração pelo compasso  
da solidão? se nos confins de mim

mortas estão volúveis colombinas?  
se enterrei meu bastardo bandolim  
no cemitério azul das serpentinas?  
vale a pena pintar-me de Arlequim,

se a chaga de ser homem não se encobre  
com tão pobre disfarce? se a face  
esconde um desolado mandarim?

vale a pena fingir de espadachim,  
se Arlequim, disfarçado em querubim,  
fugiu do céu para zombar de mim?

## DIDÁTICA DO POEMA

Não sei o que é poesia,  
onde começa ou acaba.  
Não sei se é pluma de Deus  
ou se invenção do diabo.

Não sei quando essa linfa  
irriga o sonho e seu caule.  
Não sei se viga do corpo  
ou se pilastra da alma.

Não sei o que é poesia.  
Não sei o momento exato  
em que cavalgo a vertigem,  
em que sucumbo ao seu rapto.

Não sei se é um anjo torto  
ou se malograda idéia.  
Só sei quando o verso chega,  
mesa posta para a ceia.

## CIVILIZAÇÃO DO COURO

*(De um texto de Capistrano de Abreu)*

De couro a porta da casa  
de couro o cheiro dos quartos  
de couro a cama maciça  
para o mistério dos partos.  
De couro a reputação  
dos nossos antepassados.

De couro todas as cordas  
das redes para os embalos  
o alforge para a comida  
à sombra dos intervalos.  
De couro são as mochilas  
e os arreios dos cavalos.

No couro pisa-se o fumo  
a modo de almofariz,  
de forma a ser agradável  
aos caprichos do nariz.  
A bainha dos punhais  
é couro de bom matiz.

De couro a cadeira austera  
de respeitoso espaldar  
onde em noites de remorso  
os mortos vêm se embalar.  
De couro o sofá macio  
pra donzela namorar.

De couro é feito o dedal  
para serzir o desdém  
e o saco de levar água  
pelas estradas do além.  
De couro o destino errante  
dos pobres que vão e vêm.

O couro do barbicacho  
é couro de primazia.  
De couro a sela enfeitada  
para a ilustre montaria.  
De couro os gonzos do vento  
nas portas da sacristia.

A maca de guardar roupa  
por espaço duradouro,  
o gibão de entrar no mato  
atrás do brilho dos touros  
e os banguês para o curtume:  
tudo é prodígio do couro.

## LÂMPADA

Minha alma é uma lâmpada acesa  
à porta de ninguém.  
A noite avança como um cão.  
A solidão é um demônio indômito.

Senta-te sozinho à mesa,  
triste música dos pratos.  
Os mortos em derredor te cospem.  
Pela única janela aberta o abismo te sorri.

Senta-te sozinho à mesa.  
O pão tem sabor de sangue.  
Pela única janela aberta  
o abismo estraçalha o teu nome.

## DISFARCE

O espelho não mostra  
o homem que eu sou.  
O espelho só revela  
minha outra face cúmplice.

O homem que eu sou  
foi visto no alpendre da aldeia  
enquanto o seu sócia  
passeia a cavalo.

O homem que eu sou  
pergunta por mim.  
Não sabe que fui ao enterro  
do meu sonho feudal.

Num bulevar de Londres  
o homem que eu sou  
caiu do nono andar  
dum edifício hipotético.

O espelho não mostra  
minha origem de espuma.  
O espelho só revela  
minha outra face póstuma.

## POEMA SEM METAFÍSICA

Enquanto o poema te digere  
    rostos de cinza se interrogam  
enquanto os deuses te velejam  
    o ancinho da morte trabalha  
enquanto os mitos te alumiam  
    pássaros detonam bombas atômicas  
enquanto passeias pela metafísica  
    a prole sem rosto se multiplica  
enquanto te embrenhas numa selva de metáforas  
    mãos vazias semeiam lápides  
enquanto te enredas na sutil semântica  
    a verminose passeia de tamancos  
enquanto te enamoras dos signos  
    a morte se elabora de improviso  
enquanto praticas a arte poética  
    gigolôs dão lições de cibernética  
enquanto empilhas o ouro da rima  
    arde a ossada dos mortos de Hiroxima  
enquanto perambulas na canção  
    o trigo vai secando em tuas mãos  
enquanto vais da estática para a estética  
    burocratas te cobrem de estatísticas  
enquanto aos domingos vais à missa  
    meninos assassinados pelos mísseis

## MITO DE SÍSIFO

Não me queixo de Deus.  
Sou o que fiz de mim.  
As nuvens são negras ou azuis  
porque minha ilusão as quis assim.

Não me queixo de Deus.  
Seco-me aos ventos do desamparo.  
Semeei caminhos e encruzilhadas.  
O futuro é uma senda do homem.

Sísifo conduz uma pedra pelos declives do abismo  
sem que o céu se importe com isso.  
Também nós carregamos uma pedra,  
acorrentados à Liberdade.

## FAZENDEIRO

Fazendeiro não é quem  
possui rebanhos de gado.  
Fazendeiros os que tangem  
o boi de volta ao passado.

Fazendeiro não é quem  
acorda ao cantar do galo.  
Mas o que adivinha o boi  
pelo rumor do chocalho.

Fazendeiro não é quem  
conhece o boi pelo berro.  
Mas o que sabe que o boi  
é o fantasma do bezerro.

Fazendeiro não é quem  
rastreia os pastos da lenda.  
Mas o que sonha que o boi  
está de volta à fazenda.

Fazendeiro não é quem  
descansa à sombra do boi.  
Fazendeiros os que sabem  
quanto o mugido lhes dói.

## ATENEU

No antigo casarão fica o Ateneu  
São Bernardo. Fica a flauta dos tanques  
e as costelas azuis das jitiranas.  
E ficam meus desgostos de plebeu.

Mãe-Chiquinha e seus doces africanos.  
Seu cachimbo de barro e o carretel  
da memória azulada que subia  
pela selva dos astros. Aeroplanos

nas tardes de papel. sons de bigorna  
trazidos por um vento taciturno.  
À sombra fantasmal do tamarindo,

passam por nós sudários de veludo.  
Dos lados da igreja matriz vem vindo  
Monsenhor Vital sob um luar enorme.

## ELOGIO DA CEIA

A vida como uma taça  
que se bebe até o fim  
da embriaguez luminosa  
do rubro orgasmo do vinho.

A vida como um desejo  
de cavalgar o mistério  
raptado pelo galope  
incandescente de pégaso.

A vida como uma ceia  
de que não sobra uma flor  
na tumba dos comensais.  
Só as migalhas do amor.

A vida como um nó cego  
que é preciso desatar  
nessa corda de mentira  
que se chama jugular.

## SONETO DOS ELEMENTOS

Rumor de vento e águas acendidas  
pelas asas das aves sobre o mar.  
Asas que são adagas das antigas  
com que a prole dos deuses quis brindar

o amor. Do ocaso à estrada que se alonga,  
o outono vai maduro ao bulevar  
em cada folha ou gesto que sazona  
nas vides do teu corpo por ceifar.

Bêbado desse vinho, agora e ainda,  
te oferto esse rumor de vento e água  
vindo da foz da pedra carrancuda.

Rumor do que começa e já se finda,  
do que no peito é lume e já se apaga,  
do que parece eterno e já se muda.

## CIMENTO ARMADO

Homem de cimento armado  
mulher de cimento armado  
amada de cimento armado  
ermida de cimento armado.

Corpo de cimento armado  
seios de cimento armado  
túmulo de cimento armado  
chafariz de cimento armado.

Sapato de cimento armado  
silêncio de cimento armado  
hábito de cimento armado  
óbito de cimento armado.

Rosa de cimento armado  
verdade de cimento armado  
esteta de cimento armado  
estátua de cimento armado.

Soldado de cimento armado  
saudade de cimento armado  
memória de cimento armado  
igreja de cimento armado.

Tudo é cimento armado  
tudo armadilha e vento  
nas pilastras de água  
que sustentam o tempo.

## CANÇÃO DO PILÃO

pilão de pilar  
a polenta do vento  
pilão de pilar  
o perfil do ancestral  
pilão de pilar  
o que resta do amor  
pilão de pilar  
os fantasmas do sótão  
pilão de pilar  
os mortos nupciais  
pilão de pilar  
o cereal do umbigo  
pilão de pilar  
o dedal de cristal  
pilão de pilar  
a fuligem da fábrica  
pilão de pilar  
a plantação do patrão  
pilão de pilar  
o que resta do pão  
pilão de pilar  
a carniça da noite  
pilão de pilar  
o esqueleto do céu  
pilão de pilar  
as costelas de abril  
pilão de pilar  
o centeio do seio  
pilão de pilar  
teu dedo polegar  
pilão de pilar  
o bandó da vovó

pilão de pilar  
a anca da âncora  
pilão de pilar  
o metal da metáfora  
pilão de pilar  
o sal de Portugal  
pilão de pilar  
o cartaz de isopor  
pilão de pilar  
o robô vertebral  
pilão de pilar  
a bomba de nêutron  
pilão de pilar  
os mísseis atômicos  
pilão de pilar  
o quebrar da barra  
pilão de pilar  
o quadrante solar  
pilão de pilar  
o ardil do quadril  
pilão de pilar  
a canção de ninar  
pilão de pilar  
a mostarda da morte  
pilão de pilar  
a cólera da úlcera  
pilão de pilar  
o anil da cicatriz  
pilão de pilar  
a alma de ferro  
do almofariz.

## SONATA PARA HARPA

Quero fazer um poema em louvor do amor  
um poema que te recorde uma casa com todas as janelas  
abertas, uma candeia acesa no limiar  
uma flor no jarro, um zumbido regado de orvalho  
uma ave balouçando nos ramos do vento  
um córrego cantando alguma canção  
uma casa com todos os gonzos celebrando as compoteiras  
de cristal e os armários de jacarandá  
uma casa onde fantasmas cordiais descem do sótão  
e confabulam conosco à hora de dormir.

Quero fazer um poema em louvor do amor  
um poema a essa árvore do teu corpo que reverdece  
em minhas mãos e os teus seios brotaram  
e os meus versos germinam no húmus do teu umbigo  
subitamente selva encantada onde pássaros cor de mel  
beliscam frutos sazonados.

Quero fazer um poema em louvor do amor  
um poema que saiba de cor a música dos portais  
um poema em que o teu coração de pastora  
se agasalhe nas dobras ardentes dessa túnica.

## O ANJO QUE PERDEU AS ASAS

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu a espada  
não perdeu o mistério  
nem seu cavalo pálido.

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu a liberdade  
não perdeu a túnica  
não perdeu a memória.

O anjo que perdeu as asas  
não veio de Sodoma  
não veio de Gomorra  
não veio de Pasárgada.

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu a simetria  
não perdeu o secreto  
fascínio da parábola.

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu a palavra  
não perdeu o caminho  
da invisível morada.

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu o prodígio  
não perdeu a inocência  
da argila emancipada.

O anjo que perdeu as asas  
não perdeu a memória  
dos dias em que ardeu  
nas chamas do purgatório.

## LITURGIA DA SECA

O vento em disparada  
arranca as plumas  
da paisagem.

Boi morto  
vaca morta  
bezerro morto  
cavalo morto.

O vento arquejante  
assobia nas estradas consteladas  
de gritos.

O dia áspero  
tange a diáspora.  
(Homens aflitos  
se sois do Norte  
ide à procura  
de vossa morte).

O vento é uma ave  
de rapina em rodopio  
sobre o esqueleto das plantações.

O dia áspero  
tange a diáspora  
tange o passado  
tange o futuro  
tange o fantasma  
de vossa morte.

## SONETO MALARMAICO

Passas por mim roçando-te por fadas,  
tão fêmea em flor, tão nuvem duradoura.  
As aves do teu corpo, aveludadas  
pelos verdes declives deste agora.

Quimera de pestanas alongadas  
os negros hemisférios desta moça.  
Quadris do teu cismar pelas estradas  
que vão do anseio ao seio que se adoça.

Passas por mim roçando-te por elfos.  
Ó pastora dos rebanhos do cio,  
eu sou a foz do teu secreto rio.

Ó predileta dos deuses esbeltos.  
Passas por mim roçando-te por este  
fauno do teu volúvel bracelete.

## FACA AMOLADA

Meu grito, meu coração  
a faca amolada corta.  
As costelas dos caminhos  
e as longas tranças da morta.

Corta as espigas do êxtase  
e o trigo dos deserdados  
corta os cabelos da chuva  
e a carne imóvel dos lagos.

Corta o rio, corta a foz,  
corta o boi, corta o capim.  
Corta a aurora pendoada  
e as catedrais de cupim.

Corta as papoulas de arame,  
corta o azul pela raiz.  
Só não corta o som da fome  
que te escapa do nariz.

Corta a cauda do arco-íris  
presa à garupa da vaca.  
Só não corta a liberdade,  
a lâmina desta faca.

Corta até mesmo o papiro  
do salto puro do gato.  
Só não corta o sangue escrito  
na tumba do anonimato.

Corta o metal da laranja  
corta as artérias de abril.  
Só não corta o deus que nasce  
das cinzas do teu perfil.

Meu esqueleto de folhas  
a faca amolada corta.  
Corta a noite, corta o vento  
e corta os gonços da porta.

Só não corta a solidão  
do boi à sombra da estaca.  
Só não corta a Liberdade  
a lâmina dessa faca.

## ENGENHARIA DO POEMA

Fazer o poema  
é estar em conflito  
com o sangue que corre  
nas veias do mito.

Fazer o poema  
é estar de permeio.  
O punhal na bainha  
do teu devaneio.

Fazer o poema  
é estar na palavra  
como a efígie do morto  
na faca amolada.

Fazer o poema  
é agarrar o agora  
para pô-lo inteiro  
dentro da metáfora.

## SUGESTÕES DO ECLESIASTES

O tempo não passa em vão  
pelas frestas do incriado.  
Em vão passaremos nós  
sob as pilastras do agora.

O vento não sopra em vão  
nas folhas do apocalipse.  
Em vão escorrem paisagens  
dos olhos dos nossos dedos.

A água não corre em vão,  
serpe de rastro feroso.  
Em vão se alongam meus passos  
por estes versos aflitos.

Em vão os homens não passam  
pela fogueira dos dias.  
Em vão passam teus sapatos  
por negras escadarias.

O assombro não ergue em vão  
suas orelhas de ébano.  
Em vão desfilam cadáveres  
pelas esporas do algoz.

O sangue não corre em vão  
dos ombros da profecia.  
Em vão estes epitáfios  
e os ossos da simetria.

O morto não bóia em vão  
nas águas desse império.  
Em vão são nossos espelhos  
de reluzentes nádegas.

A argola não dói em vão  
nos pulsos da liberdade.  
Em vão são nossos emblemas  
de espúria misericórdia.

O medo não rega em vão  
as veias do anonimato.  
Em vão estes pensamentos  
de órbitas iluminadas.

A chuva não canta em vão  
nas madrugadas agrárias.  
Em vão cavalgamos estes  
velozes potros da alma.

A aranha não tece em vão  
sua secreta parábola.  
Em vão gastamos o ferro  
o ouro da nossa fala.

O peixe não morde em vão  
o anzol da perplexidade.  
Em vão o apelo dos mortos  
entre os clarões do pecado.

O fogo não queima em vão  
o cedro de escuro cerne.  
Em vão são nossas mentiras  
legadas à eternidade.

## BEZERRO BIZARRO

A marca do casco  
da vaca no pasto.  
O berro de barro  
do bezerro bizarro.

Seu couro, seu lume  
serão do curtume?  
vai ser boi de carro  
o bezerro bizarro?

O bezerro e seu halo  
o cincerro e o badalo.  
A beleza de barro  
do bezerro bizarro.

vaca de lombo rubro  
corre um rio em teu ubre.  
Solidão de barro  
do bezerro bizarro.

## BANCO DE ÓRGÃOS

vou vender meus rins  
vou vender meu olhos  
e as retinas cheias  
de estradas metafísicas.

vou vender o tórax  
glóbulos vermelhos  
vou vender os braços  
e os calos das mãos.

vou vender os bíceps  
vou vender as células  
vou vender as vísceras  
que não são eternas.

vou vender o córtex  
e a supra-renal.  
vou vender o molde  
do nariz judaico.

vou vender as glândulas  
vou vender a aorta  
o enigma alvejando  
no perfil do morto.

vou vender a boca  
máquina da fala  
vou vender o fêmur  
e a massa encefálica.

Vou vender o pâncreas  
também a carótida  
vou vender o fígado  
vou vender as órbitas.

Vou vender as vértebras  
duodeno e úlcera  
vou vender a arcada  
mais a dentadura.

Vou vender os ossos  
todos da mandíbula  
e essas cartilagens  
com seu reumatismo.

Vou vender a calva  
vou vender a pele  
vendo os tornozelos  
artelhos e artérias.

Vendo as coronárias  
memória e abdômen.  
Só não vendo o arcano  
que sustenta o homem.

## HIPOGRIFO

Meu brasão, minha dor fundamental.  
Este impulso da alma, este arrabil  
de cordas vãs, e o morto de perfil  
que me barbeia, e este silêncio oval

da hora que me oferta o seu anil:  
tudo me apraz, tudo me sabe ao sal  
da linfa da quimera mais viril.  
Duro exílio do espírito imortal.

Subir ao céu numa espiral de ópio,  
levado pelos ventos da cabala  
para os confins dos pórticos do esquife.

Cerzir o enigma e descoser o óbvio.  
Cavalgar esta esfinge que se cala  
e o galope dourado do Hipogrifo.

## PANORAMA

Por cima da ponte  
desaba a noite.  
A sombra do bêbado  
como uma foice.

Por cima da ponte  
o abismo que espreita  
os passos do homem  
à espera da ceifa.

Por cima da ponte  
os ossos dos pobres  
rangem no esqueleto  
das pilastras podres.

Por cima da ponte  
pontifica o vento.  
Por baixo da ponte  
caudaloso tempo.

Por cima da ponte  
se vão os homens.  
Por baixo da ponte  
as águas se vão.

## CANÇÃO BINÁRIA

o povo é esse rio  
que deságua na esperança  
o povo é esse rio  
que corre às vezes pacífico  
o povo é esse rio  
que às vezes é como fera  
o povo é esse rio  
que não se esgota nunca  
o povo é esse rio  
em que outro rio soçobra  
o povo é esse rio  
de águas antepassadas  
o povo é esse rio  
que refaz a sua foz  
o povo é esse rio  
que escorre da eternidade  
o povo é esse rio  
de infâncias subterrâneas  
o povo é esse rio  
sedento da própria sede  
o povo é esse rio  
de escumas extraviadas  
o povo é esse rio  
que se enrosca na paisagem  
o povo é esse rio  
rumo à memória do mundo  
o povo é esse rio  
de auroras emancipadas  
o povo é esse rio  
que irriga a nossa vida

o povo é esse rio  
raptado pelos cardumes  
o povo é esse rio  
subindo por um declive  
o povo é esse rio  
que canta nas profundezas  
o povo é esse rio  
cansado de ser vazio.

## TRÍPLICE MADRIGAL

Aonde quer que vás  
o tempo te incinera  
com seu faro de fera.

Aonde quer que vás  
a fada fria e feia  
te enlaça numa teia.

Aonde quer que vás  
esta escória de Anteu  
verga ao peso do céu.

Aonde quer que vás  
o mistério te engloba  
em seu seio de loba.

Aonde quer que vás  
a essência que te foge  
pelas frestas do hoje.

Aonde quer que vás  
perdura a cicatriz  
do enigma em teu nariz.

Aonde quer que vás  
a moenda da lenda  
refazendo a fazenda.

Aonde quer que vás  
o medo te persegue  
com seu faro de lebre.

Aonde quer que vás  
o colarinho célebre  
do morto te celebra.

Aonde quer que vás  
o morto vai montado  
em seu cavalo pálido.

Aonde quer que vás  
o sangue do massacre  
boiando no vinagre.

Aonde quer que vás  
esta aurora insalubre  
te amamenta em seu ubre.

Aonde quer que vás  
cimento e simetria  
do morto que se adia.

Aonde quer que vás  
o olho astuto da toga  
te afaga e te interroga.

Aonde quer que vás  
um mundo de isopor  
profana o teu suor.

Aonde quer que vás  
só te dão, morto invicto,  
as migalhas do mito.

## ÁRIA PRIMÁRIA

O vento ancorado  
nos mastros do morto.  
A seta do pássaro  
nos olhos do potro.

O vento indomável  
de espuma e salitre.  
A flor de alfazema  
na lapela pálida.

O vento alongado  
boiando no lago.  
O sangue da aurora  
na estirpe do galo.

O vento invencível  
a límpida teia  
da aranha do orgasmo  
nas crinas de Pégaso.

A flecha do vento  
varando a memória  
do tempo – esse invento  
da alma ilusória.

## CONFRONTAÇÃO

Esta necessidade de mentir  
e de iludir as palavras.  
Esta solidão que nos entenece com seu velho impudor  
esta rua de claridades cínicas  
e este silêncio meticuloso  
estas pilastras de vento e areia  
esta flor de sangue e fel na iminência da aurora  
esta náusea de sermos comensais  
este cio e esta ceia  
este gonzo que range às portas de Gomorra  
este arcanjo e este pássaro  
este poeta assassinado  
este brasão de sangue no peito do proscrito  
este grito coagulado nas têmporas  
esta canção apedrejada  
esta fome de âncoras partidas  
este nojo  
e este reluzir de espadas dentro da noite sem pórticos.

## TREM DA SAUDADE

Lá vai o trem fumegando  
parece um velho boi  
cansado de pastar  
o vento.

Lá vai o trem rëssonando  
a foice do seu apito  
cortando a noite  
pelo meio.

Lá vai o trem da saudade  
fumando o seu cachimbo  
o trem dizendo adeus  
às aldeias.

Lá vai o trem resfolegando  
pela estrada afora  
dragão devorado  
pelo fogo.

Lá vai a negra alimária  
roçando o esqueleto  
de ferro e fumaça  
nas estrelas.

Lá vai o trem carregando  
a solidão dos pobres  
mais a tristeza  
da paisagem.

Lá vai o trem do subúrbio  
o trem da irreverência  
sorrindo aos ventos  
do futuro.

Lá vai o trem com duzentos  
alqueires de fantasia  
cansaço, rapadura  
e sonho.

## CANÇÃO DO ROEDOR

O rato que rói a noite  
rói o mistério por dentro  
rói a cauda do arco-íris  
rói a insônia da donzela  
rói as barbas do ancestral  
rói a verdade e a mentira.

O rato rói a saudade  
rói a engrenagem do vento  
e o ferro do almofariz  
rói o chumbo da espingarda  
rói o que resta dos pobres  
e a marca da cicatriz.

O rato que rói a espiga  
rói os ponteiros da bússola  
rói o gorgulho do milho  
rói a panela de ágata  
rói a memória do morto  
rói os quadris do espartilho.

O rato que rói o espelho  
rói os oitões da fazenda  
rói a imagem refletida  
da moça que foi raptada  
e aos olhos de ouro da lenda  
virou princesa encantada.

O rato que rói o tempo  
rói o abismo às nossas costas  
rói o azeite da candeia  
rói os bilros da almofada  
rói o ferrolho das portas  
rói o que sobra da ceia.

O rato que rói a nuvem  
rói o que a vida nos nega  
rói a uva e rói o vinho  
rói agulha e rói dedal  
rói as nódoas do pecado  
nos lençóis de puro linho.

O rato que rói o ícone  
rói o leite na tigela  
rói as contas do rosário  
rói as costelas do mito  
rói o Cristo na parede  
rói o santo escapulário.

O rato que rói o relho  
rói a volúpia do touro  
rói a tosse do fantasma  
rói o dente e rói o ouro  
rói os gonzos de imburana  
da cancela escancarada.

O rato que rói o arcano  
rói epitáfios de vidro  
rói a garupa da vaca  
rói a porteira de angico  
rói o veneno do queijo  
e rói o jejum da páscoa.

O rato que rói a infância  
rói a faiança primeiro  
rói depois a eternidade  
rói cem léguas de escritura  
rói o mundo e o latifúndio  
rói o amor por derradeiro.

## OLHOS DE FERA

A solidão me assassina  
o medo me dilacera.  
Os olhos dessa menina  
me enxergam dentro do escuro  
como se fossem de fera.

Olhos negros de chacina  
pestanas de primavera.  
Os olhos dessa menina  
são garras que me envenenam  
como se fossem de fera.

Os olhos dessa menina  
do ouro que se minera.  
Com que raiva repentina  
passeiam sobre o meu corpo  
como se fossem de fera.

A solidão me assassina  
essa indomável pantera.  
Os olhos dessa menina  
me acertam dardos de fogo  
como se fossem de fera.

## A MORTE TE LAMBE A NUCA

Chega um dia em que começa  
a dor da vida maluca.  
Teu grito sobe à cabeça  
teu sonho vira fumaça  
e a morte te lambe a nuca.

Chega um dia em que o encanto  
pouco importa que se quebre.  
Tanto amor morre de sede  
sucumbe tanta esperança  
nas chamas da própria febre.

Chega um dia em que não basta  
começar pelo começo.  
Romper tijolo e argamassa  
desse muro de problemas  
de que perdeste o endereço.

Chega um dia em que é preciso  
regar na pedra uma flor.  
Ser raptado de improviso  
boiar à tona da vida  
morder a isca do amor.

Chega um dia em que a verdade  
passa por lenda caduca.  
A infância vira saudade  
teu coração se evapora  
e a morte te lambe a nuca.

## UM POETA CÍNICO

Gostaria de ser um poeta cínico  
e de escrever uma canção dialética  
um madrigal vagamente pornográfico  
em memória das nuvens paralíticas.  
Gostaria de cavalgar num pégaso  
de aos cães jogar os ossos da metáfora.  
Gostaria de existir sem ser patético  
e de enterrar as tripas da semântica.  
Gostaria de cuspir na cibernética  
e de zombar das pompas astronáuticas.  
Gostaria de acender uma lâmpada  
no velório da arcaica metafísica  
e de aplicar um soco monolítico  
na cara inverossímil da retórica.  
Gostaria de boiar num relâmpago  
de ir a passeio às crinas do zodíaco.  
Gostaria de fugir da problemática  
pra não morrer nos braços da mecânica.  
Gostaria de ser um poeta cínico  
e de escrever uma canção libérrima  
em memória de todos esses pícaros  
que vão morrer nas grades dos patíbulos.  
Gostaria de ser um poeta cínico  
pra não morrer de raiva neste sábado  
enforcado nas cordas desta dúvida.

## PARÁFRASE DE FERNANDO PESSOA

O poeta é um fingidor  
como o espelho em que se mira.  
Finge que a dor é indolor,  
finge que a esfinge é mentira.

O poeta finge o que sente  
e o que não sente também.  
Chora, e a lágrima aparente  
molha um rosto que não tem.

Mas, quando o poeta finge,  
seu fingir é tão cabal  
que o próprio mito se tinge  
de uma aparência real.

Quem pode fingir tristeza  
finge também alegria.  
Só não finge, com certeza,  
que a incerteza é fantasia.

E assim fingindo, o poeta,  
com razão ou sem razão,  
vai costurando a secreta  
mortalha do coração.

## CANÇÃO DA LIBERDADE

A bela ninfa dos bosques  
o feio e horrendo gnomo  
o vento na encruzilhada  
repetem o teu nome.

O pássaro agoureiro  
em meio à noturna sombra  
as árvores decapitadas  
repetem o teu nome.

A água que flui das pedras  
por sobre a colina insone  
a flauta do andarilho  
repetem o teu nome.

O vivo que será morto  
o morto que já foi homem  
os pendões das lavouras  
repetem o teu nome.

As aves que vão dormir  
sobre os penhascos sem dono  
os pescadores da aldeia  
repetem o teu nome.

O balir das ovelhas  
o sussurro do monje  
o zumbido das colméias  
repetem o teu nome.

A bengala de Carlitos  
o sax de Armstrong  
as águas do Mississipi  
repetem o teu nome.

A vaga que vem de perto  
a vaga que vem de longe  
os marujos com saudade  
repetem o teu nome.

A nuvem de cauda eqüestre  
que bebe a água da fonte  
as aves de arribação  
repetem o teu nome.

O arcanjo ensanguentado  
que não foi visto em Sodoma  
as feras do apocalipse  
repetem o teu nome.

As torres das catedrais  
e seus badalos de bronze  
os humildes campanários  
repetem o teu nome.

Os cardumes de alevinos  
as moças de Trebizonda  
os navios ancorados  
repetem o teu nome.

O fantasma das falésias  
as gaivotas no horizonte  
os lagartos apressados  
repetem o teu nome.

A serpente solerte  
enroscada na paloma  
os galos vindos da alba  
repetem o teu nome.

Donzelas de Santiago  
bandolins de Tarragona  
Pablo e Lorca em Nova Iorque  
repetem o teu nome.

O lábio que troca o seio  
pelas vertigens do sono  
os apelos do afogado  
repetem o teu nome.

Os ventos de negra crina  
que galopam sobre as ondas  
as brisas da madrugada  
repetem o teu nome.

A aranha que tece a teia  
o seio que se arredonda  
os velhos e os namorados  
repetem o teu nome.

A fumaça das choupanas  
os muros sábios de Roma  
as longas águas do Nilo  
repetem o teu nome.

O pastor que tange as cabras  
pelas encostas do monte.  
Os mares e as alimárias  
repetem o teu nome.

As lavouras sazoadas  
do teu corpo e do meu sonho.  
Os silêncios sem memória  
repetem o teu nome.

**COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO**



1. IRACEMA - José de Alencar - Edição fac-similada: UFC - 1983.
2. FORTALEZA E A CRÔNICA HISTÓRICA - Raimundo Girão - UFC - 1983.
3. TEMPOS HERÓICOS - Esperidião de Queiroz Lima - Reedição da 2ª parte do livro ANTI-GA FAMÍLIA DO SERTÃO - UFC - 1984.
4. AS VISÕES DO CORPO - Francisco Carvalho - UFC - 1984.
5. CONTOS ESCOLHIDOS - Moreira Campos - 4ª Edição - UFC - 1984.
6. DEZ ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE - Sâncio de Azevedo - UFC - 1985.
7. O NORTE CANIA - Martins d'Alvarez - 2ª Edição - UFC - 1985.
8. TIBURCIO - O GRANDE SOLDADO E PENSADOR - Eusébio de Sousa - Edição Especial - UFC - 1985.
9. O CRATO DE MEU TEMPO - Paulo Elpidio de Menezes - 2ª Edição - UFC - 1985.
10. BUMBA-MEU-BOI E OUTROS TEMAS - Lauro Ruiz de Andrade - UFC - 1985.
11. CANTO DE AMOR AO CEARÁ - Artur Eduardo Benevides - UFC - 1985.
12. MUNDO PERDIDO - Fran Martins - 2ª Edição - UFC - 1985.
13. ILDEFONSO ALBANO E OUTROS ENSAIOS - F. Alves de Andrade - UFC - 1985.
14. POEMAS ESCOLHIDOS - Cruz Filho - UFC - 1986.
15. REFLEXÕES SOBRE AUGUSTO DOS ANJOS - Antônio Martins Filho - UFC - 1987.
16. GUSTAVO BARROSO - SOL, MAR E SERTÃO - Eduardo Campos - UFC - 1988.
17. EXERCÍCIOS DE LITERATURA - Francisco Carvalho - UFC - 1989.
18. POESIAS - 2ª Edição - Filgueiras Lima - UFC - 1989.
19. A RECEPÇÃO DOS ROMANCES INDIANISTAS DE JOSÉ DE ALENCAR - Ingrid Schwaborn - UFC - 1990.
20. LITERATURA SEM-FRONTEIRAS - Coordenadores: Helmut Feldmann e Teoberto Landim - UFC - 1990.
21. UFC & BNB - Educação para o Desenvolvimento - Antônio Martins Filho - UFC - 1990.
22. IMPÉRIO DO BACAMARTE - Joaryvar Macedo - 2ª Edição - UFC - 1990/1992.
23. O MUNDO DE FLORA - Angela Gutiérrez - UFC - 1990.
24. CRÔNICAS DA PROVÍNCIA DO CEARÁ - Manuel Albano Amora - UFC - 1990.
25. APOLOGIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E OUTROS ESTUDOS - F.S. Nascimento - UFC - 1990.
26. ESPELHO DE CRISTAL - Wilson Fernandes - UFC - 1990.
27. MEDICINA MEU AMOR - CONTOS E CRÔNICAS - José Murilo Martins - UFC - 1991.
28. O TERRITÓRIO DA PALAVRA - MEMÓRIA & LITERATURA - Carlos d'Alge - UFC - 1991.
29. METAFÍSICA DAS PARTES - Carlos Gildemar Pontes - UFC - 1991.
30. REINCIDÊNCIA - Cláudio Martins - UFC - 1991.
31. CONCEITOS & CONFRONTOS - Heládio Feitosa e Castro - UFC - 1991.
32. DESCRIÇÃO DA CIDADE DE FORTALEZA - Antônio Bezerra de Menezes - Introdução e Notas de Raimundo Girão - UFC - 1992.
33. NOTURNOS DE MUCURIBE E POEMAS DE ÊXTASE E ABISMO - Artur Eduardo Benevides - UFC - 1992.
34. NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE - Sâncio de Azevedo - UFC - 1992.
35. SECA, A ESTAÇÃO DO INFERNO - Teoberto Landim - UFC - 1992.
36. FORTALEZA DESCALÇA - Otacílio de Azevedo - UFC - 1992.
37. CRÔNICA DAS RAÍZES - Francisco Carvalho - UFC - 1992.
38. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA DO CEARÁ - O POVOAMENTO - Vinicius Barros Leal - UFC - 1993.
39. FORMAS E SISTEMAS DE GOVERNO - ITINERÁRIOS E QUESTIONAMENTO - André Haguette (Organizador) - UFC - 1993.

40. HISTÓRIA ABREVIADA DE FORTALEZA E CRÔNICAS SOBRE A CIDADE AMADA - Mozart Soriano Aderaldo - UFC - 1993.
41. ANDANÇAS E MARINIAGENS - Linhares Filho - UFC - 1993.
42. TEMPOS E HOMENS QUE PASSARAM À HISTÓRIA - Tácito Theophilo - UFC - 1993.
43. POESIAS INCOMPLETAS - Antônio Girão Barroso - UFC - 1994.
44. FICÇÃO REUNIDA - Durval Aires, Dimas Macedo (Organizador) - UFC - 1994.
45. O CEU É MUITO ALTO - Lembranças - Blanchard Girão - UFC - 1994.
46. SONATA DOS PUNILAIS - Francisco Carvalho - UFC - 1994.
47. MAR OCEANO - Fran Martins - 2ª edição - UFC - 1994.
48. SEARA - Luciano Maia - UFC - 1994.
49. MEUS EUS - Pedro Henrique Saraiva Leão - UFC - 1994.
50. A PADARIA ESPIRITUAL - Leonardo Mota - 2ª edição - Introdução e Notas de Sânzio de Azevedo - UFC - 1994.
51. CANTIGAS DO CORAÇÃO - Heládio Feitosa e Castro - UFC - 1995.
52. PROSA DISPERSA - Newton Gonçalves - UFC - 1995.
53. O OUTRO NORDESTE - Djacir Menezes - UFC - 1995.
54. LEITURA E CONJUNTURA - Dimas Macedo - UFC - 1995.
55. LOUVAÇÃO DE FORTALEZA - Lustosa da Costa - UFC - 1995.
56. TEXTOS E CONTEXTOS - Francisco Carvalho - UFC - 1995.
57. NOVOS RETRATOS E LEMBRANÇAS - Antônio Sales - UFC - 1995.
58. MARÉ ALTA - Yolanda Gadelha Theophilo - Imprensa Universitária - 1995.
59. TEORIA DA VERSIFICAÇÃO MODERNA - E.S. Nascimento - UFC - 1995.
60. ELOGIO AOS DOCTORES E OUTRAS MENSAGENS - Antônio Martins Filho - UFC - 1995.
61. COISAS IMPERFEITAS. (Escritos de Filosofia da Ciência) - José Anchieta Esmeraldo e Rui Verlaine Oliveira Moreira - UFC - 1996.
62. SITUAÇÕES E INTERPRETAÇÕES LITERÁRIAS - Pedro Paulo Montenegro - UFC - 1996.
63. MEMÓRIAS DE UM CAÇADOR DE ESTRELAS - Rubens de Azevedo - UFC - 1996.
64. OS CAMINHOS DA UNIDADE GERMÂNICA - Paulo Elpídio de Menezes Neto - UFC - 1996.
65. NO MUNDO DOS TREBELHOS - Ronald Câmara - UFC - 1996.
66. NADA DE NOVO SOB O SOL - Lúcia Fernandes Martins - UFC - 1996.
67. DIMENSÕES ESPIRITUAIS DA ESPANHA & OUTROS TEMAS - José Newton Alves de Sousa - UFC - 1996.
68. POESIA COMPLETA - Aluizio Medeiros - UFC - 1996.
69. ÁGUAS PASSADAS - Olga Stela Wouters - UFC - 1996.
70. CONCEITOS DE FILOSOFIA - Willis Santiago Guerra Filho - UFC - 1996.
71. RESGATE DE IDÉIAS - Estudos e Expressões Estéticas - Vianney Mesquita - UFC - 1996.
72. A RUA E O MUNDO - Fran Martins - UFC - 1996.
73. MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA - José de Figueiredo Filho - UFC - 1996.
74. A PADARIA ESPIRITUAL E O SIMBOLISMO NO CEARÁ - Sânzio de Azevedo - UFC - 1996.
75. HISTÓRIA ABREVIADA DA UFC - Antônio Martins Filho - UFC - 1996.
76. O ESPANTALHO - Pedro Rodrigues Salgueiro - UFC - 1996.
77. A GRAMÁTICA DO PALADAR - *Antepasto de velhas receitas* - Eduardo Campos - UFC.
78. RAÍZES DA VOZ - Francisco Carvalho - UFC - 1996.
79. MISCELÂNEA - de garoto sertanejo a médico cardiologista - Heládio Feitosa e Castro - UFC - 1996.

80. REPASSE CRÍTICO DA GRAMÁTICA PORTUGUESA – Martinz de Aguiar – UFC – 1996.
81. FÚRIAS DO ORÁCULO: uma antologia crítica da obra de José Alcides Pinto – UFC – 1996.
82. TRÊS DIMENSÕES DA POÉTICA DE FRANCISCO CARVALHO – Ana Vlândia Aires Mourão – UFC – 1996.
83. NO MUNDO DA LUIA – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
84. NOVELO DE ESTÓRIAS – Hilda Gouveia de Oliveira – UFC – 1996.
85. AS QUATRO SERGIPANAS – Padre F. Montenegro – UFC – 1996.
86. POEMAS DA MEIA-LUZ – Hamilton Monteiro – UFC – 1996.
87. REBUSCAS E REENCONTROS – Linhares Filho – UFC – 1996.
88. ALENCAR, O PADRE REBELDE – J.C. Alencar Araripe – UFC – 1996.
89. RITMOS E LEGENDAS – Martins D'Alvarez – UFC – 1996.
90. O RETRATO DE JANO – Paulo Elpidio de Menezes Neto – UFC – 1996.
91. ROSTRO HERMOSO – Luciano Maia – UFC – 1996.
92. REFLEXÕES MONÍSTICAS SOBRE GEOGRAFIA E OUTROS TEMAS – Caio Lóssio Botelho – UFC – 1996.
93. ATRAVÉS DA LITERATURA CEARENSE – Crítica Florival Seraine – UFC – 1996.
94. VIRGÍLIO TÁVORA: SUA ÉPOCA – Marcelo Linhares – UFC – 1996.
95. O INQUILINO DO PASSADO – Eduardo Campos – UFC – 1996.
96. POESIA REUNIDA – Otacílio Colares – UFC – 1996.
97. PALIMPSESTO & OUTROS SONETOS – Virgílio Maia – UFC – 1996.
98. MISSISSIPI – Gustavo Barroso – UFC – 1996.
99. PORTUGAL E OUTRAS PÁTRIAS – Osmundo Pontes – UFC – 1996.
100. AS TRÊS MARIAS – Rachel de Queiroz – UFC – 1996.
101. DONA GUIDINIA DO POÇO – Oliveira Paiva – UFC – 1997.
102. ESCADARIAS NA AURORA – Artur Eduardo Benevides – UFC – 1997.
103. QUIXADÁ & SERRA DO ESTÊVÃO – José Bonifácio de Sousa – UFC – 1997.
104. CANÇÃO DA MENINA – Angela Gutiérrez – UFC – 1997.
105. O SAL DA ESCRITA – Carlos d'Alge – UFC – 1997.
106. MATHIAS BECK E A CIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS: o domínio holandês no Ceará colonial – Rita Krommen – UFC – 1997.
107. MENINO SÓ – Jäder de Carvalho – UFC – 1997.
108. UMA LEITURA ÍNTIMA DE DÓRA, DORALINA – A lição dos manuscritos – Italo Gurgel – UFC – 1997.
109. FICÇÕES – Martins d'Alvarez – UFC – 1997.
110. PRÍNCIPE, LOBO E HOMEM COMUM – (Análise das idéias de Maquiavel, Hobbes e Locke) – Rui Martinho Rodrigues – UFC – 1997.
111. GEOGRAFIA ESTÉTICA DE FORTALEZA – Raimundo Girão – UFC – 1997.
112. CARTAS E POEMAS AO ANJO DA GUARDA – Rita de Cássia – UFC – 1997.
113. RIO SUBTERRÂNEO – José Costa Matos – UFC – 1997.
114. ADOLFO CAMINHA: Vida e Obra – Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
115. POEMAS DO CÂRCERE E ÂNSIA REVEL – Carlos Gondim – organização e introdução de Sânzio de Azevedo – UFC – 1997.
116. RIMAS – José Albano – UFC – 1997.
117. VOZ CEARÁ – Stella Leonardos – UFC – 1997.
118. GIRASSÓIS DE BARRO – Francisco Carvalho – UFC – 1997.
119. AS CUNIHÃS – Milton Dias – UFC – 1997.
120. FORTALEZA: VELHOS CARNAVAIS – Caterina Maria de Saboya Oliveira – UFC – 1997.
121. NÓS SOMOS JOVENS – Fran Martins – UFC – 1997.

122. TRIGO SEM JOIO (seleção de poemas) - Otacílio de Azevedo - UFC - 1997.
123. UMA CEARENSE NA TERRA DOS *BITTESCHÖN* - Regine Limaverde - UFC - 1997.
124. O PACTO (Romance) - Stela Nascimento - UFC - 1997.
125. A POLÍTICA DO CORPO NA OBRA LITERÁRIA DE RODOLFO TEÓFILO - João Alfredo de Sousa Montenegro - UFC - 1997.
126. IMAGENS DO CEARÁ - Herman Lima - UFC - 1997.
127. EDITOR DE INSÔNIA E OUTROS CONTOS - José Alcides Pinto - UFC - 1997.
128. A CAPITAL DO CEARÁ - Geraldo da Silva Nobre - UFC - 1997.
129. MEMÓRIA HISTÓRICA DA COMARCA DO CRATO - Raimundo de Oliveira Borges - UFC - 1997.
130. CORPO MÍSTICO & OUTROS TEXTOS PARA TEATRO - Oswald Barroso - UFC - 1997.
131. AS VERDES LÉGUAS - UFC - 1997.



Impresso na Imprensa Universitária da  
Universidade Federal do Ceará  
Av. da Universidade, 2932 - Caixa Postal 2600  
Fone/Fax: (085) 281.4748 - Fortaleza - Ceará - Brasil

